



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas**

**LITERATURAS AFRICANAS EM CRIoulos: PRESENÇAS DE  
CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, GUINÉ EQUATORIAL E  
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**

**Prof. Dr. Amarino Oliveira de Queiroz<sup>1</sup>**

**RESUMO:**

O conjunto representado pelas literaturas em crioulos de base portuguesa na antiga África de colonização ibérica carece de maior visibilidade no Brasil. Nesse sentido, amparados em formulações críticas propostas em torno do assunto por estudiosos como LÊDJAM (2012), MATA (2009), AUGEL (2006) e SPÍNOLA (2004), analisaremos aqui algumas criações produzidas tanto na oralidade como na escrita, recortadas a partir dos contextos cabo-verdiano, bissau-guineense, guinéu-equatoriano e santomense.

**Palavras chave:** literaturas africanas, oralidade, crioulos de base portuguesa.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos. Endereço eletrônico: amarinoqueiroz@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A produção cultural em línguas crioulas constitui, dentro do universo africano oficialmente falante de português, uma peculiaridade das experiências literárias na Guiné-Bissau, em Cabo Verde e, possivelmente com menor projeção, no arquipélago de São Tomé e Príncipe. Iniciando por Cabo Verde, o rico cenário das tradições orais cultivadas em *kaboverdianu* apresenta interessantes exemplos como o *passa piada* ou *konbersu sábi*, manifestação poética caracterizada por uma espécie de desafio em versos produzidos por dois cantadores que se provocam mutuamente, tencionando promover o riso da assistência através do jogo de palavras com duplo sentido:

Assemelhando-se muito à música repentista do nordeste brasileiro e à desgarrada portuguesa, o *konbersu sábi* sobressai como uma continuidade do Griot Africano, que transmite, oralmente, ao longo de gerações, a história e a sabedoria de um povo (...)  
Possuindo um sócia na *kurkutisan*, ou *rafodjo*, da ilha do Fogo, o *konbersu sábi* (...) retrata toda a vivência de uma população, pela sua maneira especial de dizer coisas, de dizer piadas e insultar, aberta ou disfarçadamente, a tudo e a todos, mas sempre com um cunho poético. (SPÍNOLA, 2004, p. 7).

Como ocorre no *passa piada* ou *konbersu sábi*, o repente versificado que caracteriza a *kurkutisan* da ilha do Fogo se desenvolve à moda de um desafio entre duas cantadeiras ou cantadores, com textos poéticos improvisados e de caráter satírico. Derivando do termo *kurkuti*, ou *krakuti*, que significa exatamente ofender, insultar, o *kurkutisan* ou *rafodjo* fogueense é ainda conhecido pelo nome de *rodriga*. Originário da ilha de Santiago aparece o *batuku*, de clara influência africana no ritmo, conhecido por reunir em sua execução um composto performático em que se alternam expressões poéticas, musicais e cênicas. Sua parte versificada, quase sempre comandada por uma cantadeira, é conhecida pelo nome de *fição* e constitui,

ao mesmo tempo, poesia, cântico, música e dança, com um ritmo eufórico e uma orquestração característica, em que os únicos sons melódicos são as vozes (a solo e coro), e o ritmo marcado com as mãos espalmadas em chumaços de pano, colocados entre



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

as pernas das batucadeiras, ou pelo bater sincopado de palmas.  
(SPÍNOLA, 2004, p. 2).

A *finação* cabo-verdiana apresenta temas de caráter predominantemente filosófico, muitos deles tirados de improviso. O caráter híbrido desta manifestação cultural estaria reforçando aquela ideia de que a estreita ligação do país insular com a Guiné-Bissau e suas cantigas de *dítu* ou *mandjuandadi*<sup>2</sup> além de se verificar desde o ponto de vista histórico, político, econômico e social, pode ser apreciada também a partir do processo de uma interrelação artística, aqui destacada não somente pela produção literária oral e escrita em diálogo com outras séries culturais, mas também pelo uso literário dos crioulos respectivos em ambos os países.

Dejair Dionísio (2012, pp. 21-22) perfila a presença de uma expressão crioula dentro da literatura cabo-verdiana escrita mencionando alguns escritores veteranos como Eugênio Tavares, Pedro Cardoso ou Luis Romano. A lista é acrescida com referências a Corsino Fortes, Manuel Veiga, Eutrópio Lima da Cruz, Kaká Barbosa, Kwame Kondé, José Luis Hopfer Almada, Tomé Varela da Silva, Kaoberdiano Dambará e Daniel Spínola, entre outros. Tratando da mesma experiência literária, Ricardo Riso (2013, p. A34) argumenta que “o estabelecimento do cânone fala muito mais pelas ausências e silenciamentos impostos do que por aqueles contemplados para constituí-lo”. As observações de ambos os estudiosos confluem para algumas considerações em torno de Eneida Nelly, voz crioula feminina precocemente desaparecida após publicar seu primeiro livro de poemas. Na perspectiva de Ricardo Riso,

Eneida Nelly desafia esse cânone e os seus pesquisadores quando lança o seu único e derradeiro livro de poesia, “Sukutam” (Escuta-me), em 2011. Primeiro pela escrita em língua materna cabo-verdiana, que já conta com uma vasta produção que é ignorada pelos especialistas da literatura de Cabo Verde – os brasileiros que o digam, restritos à produção em língua

---

<sup>2</sup> Criações poéticas da oralidade bissau-guineense.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

portuguesa. (...) O papel pioneiro exercido por Eneida Nelly ao trazer o gênero, a raça e a autoria feminina em crioulo, demonstra a necessidade de reavaliação do cânone e da postura do pesquisador brasileiro de literatura cabo-verdiana, restrito à produção em língua portuguesa. (RISO, 2013, p. A 34)

Questionamento semelhante encontrou lugar no conhecido poema “*Na kal lingu ke N na skirbi nel*”, da escritora guineense Odete Costa Semedo, que reproduziremos parcialmente a seguir.

*Na kal lingu ke n na skirbi / Ña diklarasons di amor?  
Na kal lingu ke n na kanta / Stórias ke n kontado?/  
Na kal lingu ke n na skirbi / Pa n konta fasañas di mindjeris  
Ku omis di ña tchon?/ Kuma ke n na papia di no omis garandi / Di  
no pasadas ku no kantigas? / Pa n kontal na kriol? / Na kriol ke n  
na kontal! (...) <sup>3</sup>*  
(SEMEDO in: *Na kal lingu ke N na skirbi nel*, 1996, p. 10).

*Na kal lingu ke n na skirbi* (Em que língua escrever?), indaga a autora provocativamente, nos dois idiomas, como que tentando incorporar através deles as muitas outras vozes que compõem o diversificado panorama etnolinguístico e a diversidade cultural do seu país. Vale ressaltar que, pelo questionamento que engendra a partir dessa disposição bilíngue, ora em paralelo ora em simbiose, vários momentos da obra de Odete Costa Semedo apontam para o fato de que à produção literária em línguas europeias nas Áfricas vêm se alinhando soluções e registros inovadores, resultantes do entrecruzamento de línguas e culturas e de diferenciadas percepções de mundo. Conforme reitera a escritora angolano-guineense Filomena Embaló (2004), ainda que a língua portuguesa continue a predominar na poesia da Guiné-Bissau, o recurso ao crioulo vem se tornando cada vez mais frequente, tanto pela sua utilização direta na escrita poética como pela sua progressiva presença nos textos produzidos em português. Ao

---

<sup>3</sup> “Em que língua escrever / As declarações de amor? / Em que língua cantar / As histórias que ouvi contar? / Em que língua escrever / Contando os feitos das mulheres/ e dos homens do meu chão? // Como falar dos velhos / Das passadas e cantigas? / Falarei em crioulo? / Falarei em crioulo!”.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

empregarem o crioulo, defende Embaló, os criadores evidenciam a grande riqueza metafórica dessa língua enraizada na cultura dita popular.

Tal realidade, que parece ampliar-se rapidamente, pode ser medida não apenas pelo incremento do trabalho de recolha e impressão de narrativas orais, mas também por um movimento favorável à normatização ortográfica do crioulo, sua utilização no processo de alfabetização e, naturalmente, pela sua adoção cada vez maior não só por parte de um grande contingente de antigos e novos poetas e prosadores, bem como pelo trabalho cada vez mais difundido e reconhecido internacionalmente dos vários cantores e compositores da música nacional. A recorrência, por parte de Odete Costa Semedo, à tradição oral bissau-guineense, tanto prestigia e divulga as personalidades a ela relacionadas como serve de incentivo à sua continuidade. Nestes termos, concordando com a assertiva de Moema Parente Augel, sugeriríamos que

entre as táticas subversivas empregadas por escritores latino-americanos e africanos, desconstruindo o discurso eurocêntrico e patriarcal do colonizador, está a utilização da língua imposta pelo vencedor como forma de expressão; modificando-a, todavia, estética e ideologicamente, pela introdução de elementos da tradição oral, de suas diferentes culturas e da constante referência a seus mitos e lendas, aos jogos infantis, às suas múltiplas raízes. (AUGEL, 2003, p. 192),

já que os procedimentos de inserção de enunciados crioulos e de canções evocativas da tradição oral dentro do texto escrito em língua portuguesa poderão ser interpretados como uma estratégia consciente de des-re-construção operada por autores como Odete Semedo. Investindo na tradição das cantigas de *ditu* e *mandjuandadi*, nas *stórias*, nas *passadas* e revestindo-se da condição de reinventora da palavra que se vai fixar pela escrita, Semedo opera uma espécie de relação maior entre o oral e o escrito que carrega em seu bojo uma série de outras aproximações igualmente interessantes, revelando-nos uma vontade consciente de afirmar, através deste recurso, as dinâmicas do universo guineense contemporâneo e, como consequência, a híbrida condição em que se funda e se



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

apoia o seu discurso literário particular: na confluência entre Ocidente e Oriente, representados, respectivamente, pelo seu letramento e formação acadêmica europeia em consonância com a própria substância cultural africana e guineense, da qual se alimenta a sua habilidade de cantar e contar.

Dentre os subgêneros narrativos característicos das criações na oralidade e na escrita presentes no contexto literário africano em línguas crioulas, tal como as *stórias* e *passadas* da Guiné-Bissau, os *contáji* e *soyas* de São Tomé e Príncipe compõem outro recorte possível na apreciação crítica deste conjunto, uma vez que muitos dos textos em questão, sem negligenciar o caráter de exemplaridade que subjaz à tradicional arte de contar histórias, ao serem retomados como procedimento estilístico ou como projeto estético por alguns autores e autoras contemporâneos desses países acabam por viabilizar, em sua dinâmica criativa, a continuidade, a dignificação, a reinvenção ou a própria inserção desses subgêneros no contexto maior representado pela atual escrita literária das antigas colônias portuguesas.

Referido como língua santomé, o crioulo forro tem se revelado como aquele que impõe maior presença no atual cenário cultural do arquipélago de São Tomé e Príncipe. Apesar da precariedade de sua manutenção, torna-se necessário lembrar que esse idioma vem funcionando como língua de comunicação nacional e de literatura ao lado da língua oficial portuguesa, com ocorrência destacada nas manifestações da poesia oral e na música popular do país. Assim, têm aparecido em formato impresso recolhas de provérbios em forro e coletâneas de soias, bem como vem sendo desenvolvido um trabalho de recontação em português destas mesmas narrativas.

No que tange à poesia, datam da segunda metade do século XIX os primeiros registros poéticos de Francisco Stockler (1839-1884), um dos primeiros autores da literatura nacional escrita. Pelo que se faz constar, Stockler escreveu exclusivamente em forro poemas como “Sum Fâchicu Estoclê”, texto cujo título reproduz, literalmente, precedido do termo Senhor, a equivalência ao nome do





**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

poeta em forro, o que por sua vez poderá sugerir-nos uma estratégia consciente, por parte do autor, no sentido de nobilitar através de sua própria produção uma escrita de resistência cultural, pretensamente nacionalizada e nacionalizante, ao lado da literatura produzida em língua lusa.

O trabalho de Francisco Stockler antecipou investidas similares de registros em poesia na língua santomense, como é o caso de Sun Nhana (João dos Santos Lima), também nascido no século XIX, ou de Teófilo Braga, cronista e compositor de música popular, ou ainda de Faxicu Bêbê Záua (Francisco de Jesus Bonfim), prosador em cuja obra se destaca a crônica etnográfica e a compilação de provérbios tradicionais de São Tomé e Príncipe. Além das cantigas e dos provérbios populares, prolifera um considerável número de contos, lendas, fábulas e poesia oral, esta última intimamente ligada à música. Mas as relações entre o forro e o português como línguas de comunicação e de literatura ainda deverão render alguns episódios. Cremilda de Araújo Medina (1987, p. 220), por exemplo, referindo-se à situação de bilinguismo existente em São Tomé e Príncipe, acredita que este será o futuro linguístico do país: nem forro nem português padrão, ou seja, uma língua cada vez mais crioualizada, hibridizada. Os exemplos relatados parecem acusar positivamente o que sinalizou Medina, mas a tentativa de esboçar uma história da literatura nacional remete-nos, inevitavelmente, à compreensão da própria trajetória histórica dos santomenses:

devido à conjuntura socioeconômica e, apesar da insularidade geográfica, a heterogênea essência africana foi progressivamente configurando a identidade cultural são-tomense, agora produto de uma amálgama de expressões culturais africanas assimiladas (MATA, 1998, p. 24),

que por sua vez dialogam com o legado ibérico da experiência colonial portuguesa, com a presença dos cabo-verdianos e dos vizinhos francófonos, com a proximidade hispano-negro-africana da parceira econômica Guiné Equatorial, bem como com a influência das culturas latino-americanas, inclusive a do Brasil.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Ampliando nossa perspectiva analítica pelo universo oficialmente falante de línguas ibéricas na África, contemplaremos a Guiné Equatorial, país onde o castelhano figura como primeira língua oficial, secundada pelo francês e, controversamente, pelo português, não obstante a ocorrência em seu território de idiomas do tronco linguístico banto e do crioulo anobonês, este último herança da presença colonial lusitana anterior à chegada dos espanhóis. A Guiné Equatorial está conformada geograficamente por duas distintas regiões, uma continental e outra insular. Foi abaixo da linha do Equador, precisamente numa ilha ocupada em 1417 pelos portugueses que se desenvolveu o fá d'ambô, Fadambo, Falar de Ano Bom ou anobonês, crioulo de base portuguesa bastante assemelhado à língua forro de São Tomé e Príncipe.

De acordo com o linguista Armando Zamora Segorbe (2009, p. 75), no momento da chegada dos primeiros europeus à ilha não havia vestígios humanos anteriores, pelo que se costuma considerar os escravizados trazidos de São Tomé e Príncipe e outros lugares como os seus primeiros povoadores. Ano Bom pertenceu a Portugal até 24 de maio de 1777, ocasião em que foi cedida à Espanha juntamente com a ilha de Fernando Poo, atual Bioko, em função da assinatura do Tratado de El Pardo. A negociação entre as duas coroas promoveu, em troca, a devolução à Espanha dos territórios de Santa Catarina e Sacramento, localizados no Brasil e no Uruguai, respectivamente. Vinculações como esta teriam justificado a polêmica oficialização do português na Guiné Equatorial e seu ingresso na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

No que tange às criações na oralidade dentro da realidade literária guinéu-equatoriana, verifica-se uma dupla realidade onde aparece, por um lado, a tradução ao espanhol e o relato de narrativas tradicionais e, por outro, o conjunto constituído por essas narrativas originais, os ditados, os provérbios e as canções nas línguas locais. Neste sentido, vale ressaltar que é crescente o esforço de autores como Jacint Creus, Nánã-y-Menemôl Lêdjam, José Elá ou





**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Justo Bolekia Boleká no registro de estudos relacionados com outras criações produzidas nas línguas faladas no país.

Traço característico das culturas da Guiné Equatorial, as casas da palavra configuravam tradicionalmente um espaço de transmissão oral dos conhecimentos e também um lugar de debate no qual a tomada de posição frente às disputas buscava orientar o grupo social, apostando numa solução comum. Referidas como *abáá* em língua fang, *mwebe* em ndowe, *mpa* em bisío, *riebapuá* ou *wedja bohôté* em bubí e *vidyil* em idioma anobonês (Aranzadi, 2013), nelas se cultivavam originalmente as crenças, os ritos, a arte, a música e a poesia, estabelecendo-se uma estreita relação entre estas duas últimas expressões em todas as manifestações orais das culturas

fang, bubí, ndowe, de los bisío, annoboneses y criollos, la música está íntimamente ligada a la poesía y a la danza. Las canciones acompañadas de instrumentos forman parte de las danzas. La poesía, está implícita en las canciones y especialmente en la épica de los trovadores de *mvét* (entre los fang), o *ngiang* (entre los bisío), así como en las romanzas bubis. En la propia lengua bubí la palabra poesía es la misma que canción (*löberí*), saeta o canto (*siallo*) o declamación (*rëppi*) y las dos formas inseparables de la creación poética lo constituyen el canto y la música (...) El patrimonio que se conserva a través de la oralidad, pervive en los cuentos, en las fábulas, en las adivinanzas, en las epopeyas, en el canto, siendo la música parte indispensable de esa oralidad. (ARANZADI, 2013, pp. 84-85)

Em tempos atuais, de Francisco Zamora Lobocho a Juan Tomás Ávila Laurel, a expressão em língua espanhola parece ser um traço predominante quando nos reportamos à produção literária poética e ficcional entre os escritores provenientes da ilha de Ano Bom. Investigando a influência da enculturação exógena na oralidade guinéu-equatoriana, Justo Bolekia Boleká (2010) chegou a afirmar que não existe sequer um uso residual da língua anobonesa entre os escritores locais, muito embora Juan Tomás Ávila Laurel tenha publicado uma novela chamada precisamente *Áwala cu sangui* (2000), na qual, além do próprio título, o autor faz uso de alguns vocábulos em fá d'ambô e apresenta referências



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

culturais características do ambiente insular em que a trama é desenvolvida. Essa tematização se repetirá, inclusive, no romance autobiográfico de 2009 *Arde el monte de noche*, onde a relação espanhol / anobonês recebeu de Ana Lúcia Sá (2011) a seguinte observação:

A língua espanhola com que escreve o romance é o mecanismo de leitura da língua autóctone, manipulando-se deste modo os termos da construção imperialista da língua. Trata-se de um mecanismo de organização narrativa (espanhol) que tem ao nível da consciência do sujeito colonial a ferramenta para expressar este mecanismo de resistência (fá d'ambô) aos elementos sistêmicos de sujeição que encontramos na obra: a igreja, a escola e os militares. (SÁ, 2011, pp. 493-494)

De forma similar à empreendida por Juan Tomás Ávila Laurel nos dois exemplos supracitados, com a publicação de *Desde el vijil y otras crónicas* em 2008 Francisco Zamora Lobo referenciaria literalmente, através da prosa escrita, o nome pelo qual a tradicional casa da palavra ficou conhecida em língua anobonesa: vijil. O incremento dessa memória encontra lugar em alguns outros exemplos, dentre os quais referiremos a versão em espanhol para a tradicional Leyenda de Lohodham e a coletânea *Cuentos Annoboneses de Guinea Ecuatorial*, organizada por Jacint Creus e Ma. Antònia Brunat (1992). Destacaríamos ainda os estudos desenvolvidos por Nãñay-Menemôl Lêdjam (2012) em torno da *punta* e os *pé* ou *mé Punta*, trovadores deste gênero de poesia oral anobonesa, assim como a coletânea de estudos intitulada *Cancionero Oral Annobonés* (2008) e os artigos sobre a prosa tradicional da ilha, onde, por exemplo, a saudação literária introdutória de todas os gêneros narrativos é apresentada para os leitores: “- *Agwêt / - Alôôss / - Wã tela sé soya fölo*”. Note-se que a palavra *soya* em fá d'ambô tem grafia e significação idêntica à forma corrente em língua forro de São Tomé e Príncipe, designando em português e espanhol o equivalente ao termo história. Quanto à supracitada fórmula de abertura comum ao ato de narrar na tradição oral anobonesa, uma vez pronunciada,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

la palabra oral se hará presente, para convocar a los mitos, las leyendas, los cuentos, las anécdotas urbanas, a los poetas sin libro (...) y a todo el que quiera sumarse a la aventura de escuchar, narrar y contar, estas historias. (MABANA, 2013, on line)

Pelo exposto, poderemos concluir que, apesar dos silenciamentos em torno das literaturas em línguas crioulas e da subsequente ausência delas na construção de uma fortuna crítica que busque contemplar, de forma mais abrangente, o conjunto literário produzido nesses territórios, continuar omitindo sua existência constitui, no mínimo, uma flagrante negligência. Desde a perspectiva relacional entre as criações literárias na oralidade e na escrita, ou entre as línguas crioulas aqui elencadas e as línguas oficiais dos países onde elas ocorrem, percebemos que esta relação é mais rarefeita se pensarmos na Guiné Equatorial, mas que vai tomando vulto já a partir de São Tomé e Príncipe, com maior intensificação e consistência nos casos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. Faz-se valer, portanto, o velho *ditu* bissau-guineense a seguir: *tartaruga kuma si pe i kurtu ma i ta lebal tudu kau ki misti* (a tartaruga diz que suas pernas são pequenas, mas a levam onde ela quer).

## **REFERÊNCIAS**

- ÁVILA LAUREL, J. Tomás. **Arde el monte de noche**. Madrid: Calambur, 2009.
- ÁVILA LAUREL, Juan Tomás. **Áwala cu sangui**. Malabo: Pángola, 2000.
- ARANZADI, I. de. "El marco espacio-temporal en el pensamiento africano, como sustento de la oralidad en las culturas musicales de Guinea Ecuatorial". **Oráfrica**, revista de oralidad africana, nº 9. Barcelona: abril de 2013, pp. 65-95.
- AUGEL, Moema P. Cantopoema do desassossego. Posfácio in: SEMEDO, Odete Costa. **No fundo do canto**. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2003.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

BOLEKÁ, Justo B. "La influencia de la enculturación exógena en la oralidad guineoecuatorial". Disponível em: [www.iiligeorgetown2010.com/2/pdf/Bolekia-Boleka.pdf](http://www.iiligeorgetown2010.com/2/pdf/Bolekia-Boleka.pdf) Acesso em: 04 out 2010.

COUTO, Hildo Honório do. **Provérbios crioulos guineenses**. Disponível em: <http://www.didinho.org/Arquivo/proverbioscriouloguineenses.htm> Acesso em: 14 out 2006.

CREUS, Jacint; BRUNAT, Ma. Antònia. **Cuentos Annoboneses de Guinea Ecuatorial**. Malabo: Centro Cultural Hispano-Guineano, 1992.

CREUS, Jacint. "La Leyenda de Lohodann". **África 2000**, Año V, Época II, Núm. 12. Malabo: Centro Cultural Hispano-Guineano, 1990, pp.30-35. DIONÍSIO, Dejair. "Eneida Nelly: um novo discurso para um outro olhar para o cânone literário cabo-verdiano." Maputo: **Literatas**, v. 1, 2012, p. 21-22. EMBALÓ, F. Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau. Disponível em: <http://didinho.no.sapo.pt/resenhaliteratura.html> Acesso em: 19 dez 2004.

LÊDJAM, Náñay-Menemôl. "El joven que se convirtió em espumas del mar". Disponível em: <https://tenzul.blogspot.com.br/2013/11/el-joven-que-se-convirtio-en-espumas.html> Acesso em: 07 dez 2013.

LÊDJAM, N.M. "Punta, una literatura lírica oral y transcendental en la cultura annobonesa". Disponível em: [http://tenzul.blogspot.com.br/2012/11/punta-una-literatura-lirica-oral-y\\_28.html](http://tenzul.blogspot.com.br/2012/11/punta-una-literatura-lirica-oral-y_28.html) Acesso em: 14 dez 2012.

LÊDJAM, N. M. **Cancionero Oral Annobonés**. Barcela: Ceiba, 2008.

LOBOCH, Francisco Z. **Desde el vijil y otras crónicas**. Madrid: Sial, 2008.

MABANA, Toiñ. "Cuentos, fábulas y leyendas de Ambô". Disponível em: <http://www.annobon.es/Kutum/CuentFaDamb.html> Acesso em: 07 dez 2013.

MATA, Inocência. **Diálogo com as ilhas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha Mamana África**. S.Paulo: Epopéia, 1987.

NELLY, Eneida. **Sukutam**. Praia: Edição da autora, 2011.

RISO, Ricardo. "Eneida Nelly e o cânone". In: **A Nação** n. 308. Praia: 25 de julho de 2013, p. A34.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

SÁ, Ana Lúcia. “A ilha do mar Atlante, de Juan Tomás Ávila Laurel: autobiografia e ciberativismo ensaístico na Guiné Equatorial. Revista **Crítica Cultural** (Critic), v. 6, n. 2. Palhoça – SC: jul./dez. 2011, pp. 487-502.

SEGORBE, Armando Z. “Breve aproximación a la sociolingüística del fá d’ambô en Guinea Ecuatorial”. **Oráfrica** nº 5. Barcelona: abril de 2009, pp.71-112.

SEMEDO, Odete Costa. *Na kal lingu ke N na skirbi nel’*. **Entre o ser e o amar**. Bissau: INEP, 1996, p. 10, Coleção Kibur.

SPÍNOLA, Daniel. “A cultura cabo-verdiana e suas raízes etno-culturais”. Disponível em: <http://caboverde.vozdipovo-online.com/content/view/19/37/1/59/>, em formato PDF. Acesso em: 10 jul 2004.